

# EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)  
Curso Geral — Agrupamento 4

Duração da prova: 120 minutos  
2002

1.ª FASE  
2.ª CHAMADA

## PROVA ESCRITA DE PORTUGUÊS A

---

Esta prova é constituída por três grupos de resposta obrigatória.

Não é permitido o uso de dicionário.

V.S.F.F.

138/1

---

## GRUPO I

Leia atentamente o seguinte texto:

|  |    |
|--|----|
| PRINCIPAL SOUSA  | 1  |
| Tenho medo...  |    |
| <i>(Para D. Miguel)</i>  |    |
| Senhor Governador, tenho medo. Há dois dias que quase não durmo e mesmo quando passo pelo sono, perseguem-me imagens terríveis: imagino-me réu perante um tribunal que me não respeita.  | 5  |
| Dedos imundos tocam-me as vestes. Sonhei já três vezes que estava no Campo de Sant'Ana, subindo ao cadafalso, enquanto à minha volta os gritos do povo me não deixavam, sequer, ouvir a sentença...  |    |
| BERESFORD  | 10 |
| <i>(Para Vicente e para Corvo)</i>   |    |
| Os chefes?! Quem são os chefes?  |    |
| CORVO  |    |
| Fala-se deste e daquele, mas ninguém sabe ao certo.  |    |
| BERESFORD  | 15 |
| Quero saber quem são os chefes. Comprem quem for preciso, vendam a alma ao diabo, mas tragam-nos os nomes dos chefes...  |    |
| <i>(Corvo e Vicente saem.)</i>   |    |
| D. MIGUEL  | 20 |
| Eu também tenho medo, senhores, mas o meu medo não é semelhante ao vosso. Pouco me importa a fortuna ou a vida, ambas daria de boa vontade, se me fosse necessário fazê-lo, pela minha terra. A Pátria, Excelências, não é, para mim, uma palavra vã... Se algum sonho tenho, se a um estadista é permitido sonhar, o meu sonho é de não morrer sem exterminar de vez as sementes da anarquia e do jacobinismo... Sonho com um Portugal próspero e feliz, com um povo simples, bom e confiante, que viva lavrando e defendendo a terra, com os olhos postos no Senhor. | 25 |
| Sonho com uma nobreza orgulhosa, que, das suas casas, dirija esta terra privilegiada. Vejo um clero, uma nobreza e um povo conscientes da sua missão, integrados na estrutura tradicional do Reino...  |    |
| Não lhes nego, Excelências, que não sou um homem do meu tempo.   | 30 |
| Um mundo em que não se distinga, a olho nu, um prelado dum nobre, ou um nobre dum popular, não é mundo em que eu deseje viver.   |    |
| Não concebo a vida, Excelências, desde que o taberneiro da esquina possa discutir a opinião d'el-rei, nem me seria possível viver desde que a minha opinião valesse tanto como a de qualquer arruaceiro.   | 35 |

Pergunto-vos, senhores: que crédito, que honras, que posições seriam as nossas, se ao povo fosse dado escolher os seus chefes?

BERESFORD

Já que temos ocasião de crucificar alguém, que escolhamos a quem valha a pena crucificar... Pensou em alguém, Excelência?

40

Luis de Sttau Monteiro, *Felizmente Há Luar!*, 12.ª ed., Lisboa, Ática, 1980

---

Elabore um comentário do texto apresentado que integre o tratamento dos seguintes tópicos:

- comparação das reacções do Principal Sousa e de Beresford;
- definição dos valores defendidos por D. Miguel;
- aspectos relevantes na construção da tensão dramática;
- importância do excerto no contexto da obra.

V.S.F.F.

138/3

---

## GRUPO II

A questão seguinte refere-se à poesia de Ricardo Reis.

*Reis [...] manifesta uma aguda mas estóica sensibilidade em relação ao tema da passagem do tempo.*

Maria Alzira Seixo, «Singularidades de uma Literatura Ocidental», *Outros Erros*, Lisboa, Asa, 2001, p. 88

Considere o juízo crítico apresentado e comente-o, fundamentando-se na sua experiência de leitor. Redija um texto expositivo-argumentativo bem estruturado, de duzentas a trezentas palavras.

### Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2002/).
2. Um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial do texto produzido.

### GRUPO III

Resuma o excerto a seguir transcrito, constituído por trezentas e vinte e cinco palavras, num texto de **noventa e cinco a cento e vinte** palavras.

Antes de iniciar o seu resumo, leia atentamente as observações apresentadas em final de página.

1 A evolução da literatura portuguesa, dos anos 60 até final do século XIX, tem no Realismo e no Naturalismo balizas estético-ideológicas incontornáveis e carregadas de potencialidades polêmicas. Perscrutar as raízes do Realismo, enquanto atitude ético-cultural que também foi, na querela que ficou conhecida pelo nome de Questão Coimbrã, é já de si significativo:  
5 porque, não o esqueçamos, a Questão Coimbrã foi, em grande parte, uma confrontação, no plano ético, entre gerações de formações ideológicas distintas, mas de um modo geral reclamando-se de valores românticos. [...]

O eco público que tiveram as Conferências do Casino, designadamente no que toca à sua repercussão na imprensa da época e às reacções repressivas que motivaram, mostra bem  
10 como o sopro de novidade difundido pela Geração de 70 (dominada, convém lembrar, pela figura carismática de Antero) penetrou num espaço cultural apático e aparentemente conformado com a morna atmosfera da Regeneração. Que Eça de Queirós tenha anunciado, precisamente nesse momento de viragem, o advento do Realismo como nova forma de expressão artística, eis o que não pode considerar-se um acaso fortuito: tratava-se de  
15 modificar mentalidades e costumes, e a literatura constituía, no quadro desse projecto, um fundamental instrumento de intervenção.

A reflexão programática que se desenrolou ao longo dos anos 70 e 80 (em prefácios, intervenções doutrinárias, textos de crítica literária, polémicas, etc.) mostra bem que o  
20 Realismo (e já também o Naturalismo) teve que abrir o seu caminho por entre a hostilidade dos que não aceitavam a rudeza de certas análises que a nova estética requeria. E, no entanto, nem tudo era rigorosamente novo: o romance de Júlio Dinis<sup>1</sup> e a novela camiliana, cronologicamente anteriores ao triunfo do Realismo e do Naturalismo, eram já tentativas de virar a atenção da literatura para o real circundante; só que o faziam num tom de certo modo idílico (no caso do primeiro) ou com alguma desmesura de processos (no caso de Camilo<sup>2</sup>),  
25 esta última prolongada inclusivamente quando chegou a hora de aderir ao Naturalismo.

Carlos Reis, «Conclusão», *História da Literatura Portuguesa*, vol. 5, Lisboa, Alfa, 2001

<sup>1</sup> *Júlio Dinis*: escritor português (1839-1871).

<sup>2</sup> *Camilo*: Camilo Castelo Branco, escritor português (1825-1890).

#### Observações:

1. Há uma tolerância de quinze palavras relativamente ao total pretendido (oitenta palavras como limite mínimo, e cento e trinta e cinco como limite máximo). Um desvio maior implica uma desvalorização parcial do texto produzido.

2. De acordo com o critério de contagem adoptado nesta prova – já explicitado no grupo II –, o fragmento a seguir transcrito é constituído por vinte e duas palavras: «A/ evolução/ da/ literatura/ portuguesa,/ dos/ anos/ 60/ até/ final/ do/ século/ XIX,/ tem/ no/ Realismo/ e/ no/ Naturalismo/ balizas/ estético-ideológicas/ incontornáveis/».

**FIM**

**V.S.F.F.**

138/5

## COTAÇÕES DA PROVA

|   |                   |
|---|-------------------|
| <b>GRUPO I</b> .....                      | <b>100 pontos</b> |
| Conteúdo .....                            | 60 pontos         |
| Organização e correcção linguística ..... | 40 pontos         |
| <b>GRUPO II</b> .....                     | <b>50 pontos</b>  |
| Conteúdo .....                            | 25 pontos         |
| Organização e correcção linguística ..... | 25 pontos         |
| <b>GRUPO III</b> .....                    | <b>50 pontos</b>  |
| Conteúdo .....                            | 20 pontos         |
| Organização e correcção linguística ..... | 30 pontos         |
| <b>Total</b> .....                        | <b>200 pontos</b> |